

LEITURA LITERÁRIA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Andréia Mendonça De Araújo¹
 Thays Medrado Linhares²
 Renato De Oliveira Dering³

18

Resumo: O presente artigo tem por finalidade discutir a contribuição da contação de histórias como prática educativa nas séries iniciais. Para tanto, é importante compreender que o contar histórias, quando inserido em ambiente escolar, proporciona para a criança inúmeras possibilidades de desenvolvimento. Desse modo, instigam a imaginação como também incentiva o gosto e o hábito pela leitura, além de propiciar uma interação mais sólida entre os sujeitos, fortalecendo a relação entre texto e leitor. Por meio de uma revisão bibliográfica, o presente estudo busca verificar de que forma a contação de histórias ajuda no processo de ensino-aprendizagem nas séries iniciais e possibilita a formação de leitores.

Palavras-chave: Literatura infantil. Leitura. Contar histórias.

LITERARY READING AND STORY TELLING AS EDUCATIONAL PRACTICE IN THE FORMATION OF READERS

Abstract: This paper aims to discuss the contribution of storytelling as an educational practice in the initial grades. Therefore, it is important to understand that storytelling, when inserted in a school environment, provides the child with countless possibilities for development. In this way, it instigates the imagination and encouraging the appreciation and habit of reading, in addition to providing a more solid interaction between the subjects, strengthening the relationship between text and reader. Through a bibliographic review, the present study seeks to verify how the quotation of stories helps in the teaching-learning process in the initial series and enables the training of readers.

Keywords: Children's literature. Reading. Tell stories.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade a contribuição da contação de histórias como prática educativa nas séries iniciais. Atualmente, a sociedade vive o período da era digital e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis às crianças, com informações que chegam a todo momento. Com essa prática cada vez mais comum, os livros acabam sendo deixados de lado, esquecidos ou pouco utilizados, o que torna um desafio para o educador mostrar para a futura geração que a contação de histórias não é apenas um passatempo.

A leitura de livros pode ser considerada o maior e mais prático meio de adquirir conhecimentos. Sabe-se que tal prática já foi considerada apenas como uma forma de distração, no entanto, é possível afirmar que a leitura ultrapassa as barreiras do entretenimento, principalmente quando o assunto é a educação infantil. Ler

¹ Graduada em Pedagogia do Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1875101225087913>. Orcid: 0000-0003-4347-1278. E-mail: andreiacristo.am@gmail.com.

² Graduada em Pedagogia do Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7438519363981454>. Orcid: 0000-0001-7480-0009. E-mail: thaysmedrado@hotmail.com.

³ Professor Adjunto no Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Líder pesquisador do grupo FORPRDLL/CNPq/UFVJM. E-mail: renatodering@gmail.com. Orcid: 0000-0002-0776-3436 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7891833942208165>

contribui para o desenvolvimento da criança ao potencializar a criatividade e a oralidade, e incentiva o gosto pela escrita, contribuindo na formação da personalidade da criança – envolvendo o social e o afetivo – além de desenvolver características de um sujeito crítico.

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da sua rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente- o que não significa trabalhar em cima de um esquema rígido e apenas no repetitivo. (ABRAMOVICH, 2009, p. 143).

No observar dessa prática para a formação de bons leitores, se percebe a importância da leitura para uma criança, uma vez que formar leitores, leitores críticos e com capacidade de interpretação, demanda o incentivo desde muito cedo para a prática da leitura, inclusive, por meio da contação de histórias.

A arte de contar histórias como forma de ensino não é recente e faz parte das tradições orais de diversas comunidades. É importante compreender, nessa perspectiva, que por ser uma prática social, a contação de histórias, quando inserida em ambiente escolar, proporciona à criança inúmeras possibilidades de se desenvolver, instigando a imaginação, bem como propicia a interação mais sólida entre os sujeitos.

Abramovich (1989) aduz que ouvir histórias é importante para a formação da criança como um todo. Assim, a discussão é ampliada com a reflexão que esse tipo de leitura/escuta é um caminho infinito e repleto de descobertas para as crianças. O que se pontua, portanto, é que a contação de histórias é uma arte de suma importância para se formar leitores críticos e com capacidade de interpretação.

A criança, se boa ouvinte e apreciadora de histórias, possivelmente será um sujeito crítico, logo, a leitura faz-se, então, muito importante na vida das crianças. Esta premissa é corroborada por Abramovich (1989) ao afirmar que as crianças exercitam sua imaginação, seu cognitivo, seu emocional e senso crítico no contato com as histórias contadas. Assim, compreender a importância da contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem é reconhecer que tal prática estimula o desenvolvimento intelectual da criança em diversos âmbitos.

É importante ainda, lançar mão de uma compreensão da importância da literatura, visto que a contação de histórias é uma prática que está imbricada às metodologias e didáticas na educação básica deste componente curricular, principalmente na educação infantil. Logo, a relação entre literatura e o contar histórias, enquanto práticas de ensino, auxilia na efetivação da aprendizagem das crianças, promovendo raízes para a formação de leitores.

Deste modo, as motivações de escolha do tema centram-se em investigar a necessidade de reavivar a arte de contar histórias dentro do contexto escolar, reconhecendo-a como um excelente recurso pedagógico, tendo em vista que a prática da contação de histórias é de suma importância para o processo ensino-

aprendizagem. É nesse sentido que surge a indagação a que essa pesquisa se propõe a investigar, qual seja, de que forma a contação de histórias ajuda no processo de ensino-aprendizagem nas séries iniciais e possibilita a formação de leitores?

METODOLOGIA

Toma-se como percurso metodológico para a presente pesquisa uma revisão bibliográfica por meio de uma análise crítico-reflexiva sobre a temática. Tal revisão procura discutir e explicar o tema escolhido com base em referências publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Compreende-se que:

Na pesquisa bibliográfica vamos buscar, nos autores e obras selecionadas, os dados para a produção do conhecimento pretendido. Não vamos ouvir entrevistas, nem observar situações vividas, mas conversar e debater com os autores através de seus escritos. (TOZONI-REIS, 2009, p. 36)

Este estudo tem como principal objetivo reunir informações e dados que servirão de base para a construção da investigação de uma proposta a partir do tema escolhido. A proposta metodológica, portanto, parte da tessitura de discussões de autores sobre a temática: leitura e contação de histórias, para, a partir desse ponto, refletir sobre a formação de leitores.

LEITURA

O ato de ler vai além do que se compreender por meramente ler, isto é, não se trata de uma decodificação. Quando se fala em ato, é importante compreender que há uma ação, logo, o leitor passa de um reprodutor e se torna tradutor, investigador das letras e está sempre procurando traduzir ou potencializar a decodificação.

Por não ser mera decodificação, não se deve admitir a leitura como algo raso ou simplório, uma vez que: “É incontestável que há várias formas de leitura e de promover o ato de ler. Quando uma criança olha atentamente para o ambiente que a seu redor, por exemplo, ela está descobrindo o mundo que a cerca, fazendo, assim, uma leitura do seu espaço.” (SILVA; DERING, 2020, p. 76). Nesse sentido, ler é uma forma de descobrir um mundo ainda inabitável, principalmente quando se trata da prática de leitura por crianças e jovens.

Portanto, é importante compreender que o ato de ler, enquanto uma ação ou uma prática, está intrinsecamente relacionado também com a escrita; e o leitor, nesse sentido, é tido como o decodificador da letra, mas, que vai além. Pode-se perceber, por esse contexto proposto, que o leitor mergulha em um universo que prende sua atenção das mais diversas formas e esse universo o leva para outras possibilidades. Uma viagem sem passaporte para o mundo que o leitor quiser viver.

É importante perceber igualmente que o processo de leitura contribui, de forma positiva, em aspectos de compreensão de si, porque alarga o conhecimento, quebra paradigmas e transforma realidades. Logo, é

possível dizer que “a leitura em particular significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes.” (MARTINS, 1982, p. 20). Por isso não se pode falar em leitura como decodificação, pois ela amplia e significa saberes.

Portanto, pode-se refletir, a partir desse viés, que a leitura é uma forma de perceber e criticar o mundo, em um processo que vai além da escolarização, isto é, da realidade de sala de aula, pois ela mobiliza saberes e práticas dos alunos em prol do conhecimento de mundo (FREIRE, 1990).

A reflexão de leitura, feita por Martins (1982) e Freire (1990), contribui para a reflexão de uma série de questionamentos que dialogam com a importância da formação de leitores por meio da contação de histórias. Martins (1982) chama a atenção a respeito do processo de leitura, afirmando que ele não está limitado ao ato de leitura de textos, e sim, de momentos no decorrer do cotidiano. Por assim ser, o indivíduo faz leituras expressivas, positivas ou negativas diante de cada situação a que é exposto e dialoga com isso. Assim sendo, quando o indivíduo admira um simples objeto que foi passado de geração em geração, ele se depara com lembranças tristes ou felizes, dialoga com a leitura em seus diversos níveis.

Com isso, a leitura é um convite para se fazer uma viagem de saberes e conhecimentos entre as pessoas, para se chegar à conclusão de que não se faz a leitura somente de palavras escritas, mas, sim, de todo acontecimento que se desenrola no dia a dia, possibilitando a ampliação do repertório dos indivíduos e permitindo sua ampla compreensão sobre o mundo.

A leitura se realiza a partir do *diálogo* do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (MARTINS, 1982, p. 33).

Martins (1982) também dispõe de três processos quando aborda a leitura, os quais são definidos em: leitura sensorial, leitura emocional e leitura racional. Tratando-se de leitura sensorial, a autora se refere ao livro como um objeto que desperta os cinco sentidos. Esta aproximação é a porta de entrada para outras leituras, emocional e racional, trazendo a importância para “leitura” das crianças nesse primeiro contato com os livros, ainda que ela não saiba “ler”.

Assim, despertando o interesse por livros, com os adultos deveria acontecer o mesmo, ser como uma criança curiosa que está a todo momento tentando descobrir do que se trata aquela história. Essa leitura sensorial sempre parte do cotidiano de crianças e adultos. Silva e Dering (2020, p. 80), ao abordarem tal tipo de leitura, aduzem que:

trata-se de um tipo de leitura inicial do mundo que nos cerca. É quando o quando o leitor começa a observar as cores, letras, texturas, cheiros, barulhos, bem como as inúmeras ilustrações trazidas nos livros.

Quando se parte para a leitura emocional, muda-se o quadro. Este tipo de leitura provoca várias sensações e, dependendo da trama, o leitor fica mais emotivo/sensível. Ela acaba se tornando um hobby: é muito comum o leitor ficar disperso porque, nesse tempo, ele foge da realidade e se encontra no mundo da imaginação. Afirma Martins (1982) que se trata de uma leitura em que há o deleite, isto é, a experimentação, promovendo, assim, sensações diversas no sujeito.

Partindo para a leitura racional, tem-se uma postura mais indagativa do leitor a respeito do texto. Em tais tipos de textos, o leitor busca novos conhecimentos e os discute com os outros. Não existe leitura certa ou errada quando se realiza este ato, mas, sim, uma leitura que visa ao conhecimento. Sobre a temática, Silva e Dering (2020, p. 80) dizem que:

A leitura racional aponta, por sua vez, para o lado intelectual do leitor, visto que o que entra mais em destaque são as relações e os modos como esse leitor se apropria e usa esse conhecimento, proporcionando a ele novas experiências voltadas aos conhecimentos mais elaborados, à criticidade e à argumentação.

Freire (1990), amplia as propostas de Martins (1982) e de Silva e Dering (2020), pois postula que a leitura, em suas diversas formas de apresentação, permite a criticidade e questões que envolvam aspectos da bagagem de cada indivíduo. Assim, para o referido autor, a leitura trata-se de “uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1990, p. 06). Por isso ele considera que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1990, p. 06). Desta forma, pode-se afirmar que a compreensão leitora vai além do decodificar, visto que ler é uma ação e não uma forma passiva de receber conhecimento.

Por assim ser, o leitor jamais poderá se dar por vencido e acomodar-se com as leituras preferidas. Apesar de fazerem parte de sua história e trajetória, é preciso que a leitura seja, também, algo o “incomode”, no sentido da busca pelo novo, na procura do conhecimento. Por isso a diversidade de leituras é primordial nesse processo de ensino-aprendizagem do indivíduo e de autoconhecimento, contribuindo na garantia da sua compreensão de saber. Quando isso é proposto no período de escolarização na educação infantil, há chances maiores de se falar em formação de leitores.

FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS

Quando se conta uma história, deve-se ter em mente que aquele momento será de grande importância para o desenvolvimento da criança, pois, por meio dela, é possível expressar experiências que não acontecem ou que são diferentes da vida real. Como visto, a leitura e a contação de histórias pertencem ao campo da educação que envolve uma atividade comunicativa e prazerosa. Sendo assim, por meio delas, instiga-se à busca de novos conhecimentos, visto que o ato de ler contribui também na formação da personalidade da criança, envolvendo o

social e o afetivo. Além disso, tem-se a possibilidade de fortalecer a relação texto, leitor e aprendizagem, auxiliando no processo ensino aquisição de conhecimento.

Posto isso, infere-se que “formar tais leitores implica reavivar a concepção da linguagem como manifestação da cultura do ser humano que se funda no uso da palavra oral e escrita como forma de interação.” (SILVA, 2015, p. 235). Esse ato, por sua vez, dentro da perspectiva da contação de histórias, deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração, no sentido da leitura emocional anteriormente posta, mas, também enriquecendo a leitura de cada criança, perpassando a leitura racional.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão de mundo (ABRAMOVICH, 2009, p. 16).

Com isso, destaca-se que o ouvir histórias é o primeiro passo para a formação de um leitor. Por assim ser, tornar-se um leitor não é simplesmente ter o hábito de ler, mas o de percorrer um infinito caminho de descobertas e viver incríveis fantasias possíveis. O ato de ouvir histórias, assim como da leitura de literatura, liberta a imaginação: “Tendo em vista esse posicionamento, pontuamos que a leitura literária deveria ser um fator imprescindível no ensino, não só de Línguas (materna e estrangeira), mas também nas demais humanidades.” (DERING; MARTINS; SILVA, 2019, p. 304). Ler é “Fonte inesgotável de conhecimentos e descobertas, a leitura, enquanto atividade cognitiva, contribui para a ampliação do processo perceptivo do leitor.” (SILVA, 2015, p. 235). A leitura literária converge nesse sentido, ler literatura é perder-se em si para encontrar-se novamente.

Para que tudo isso seja sentido pelo ouvinte, não basta tão somente ler em voz alta ou pedir que se realize a leitura, é necessário transmitir confiança e emoção na contação. Pontua Abramovich (1989, p. 33) que “é tão bom saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo: a visão”. Nessa consoante, contar histórias para formar leitores é vê-las com atenção, através da ilustração visual, dos ditos e não ditos, dos tons e entonações, uma vez que cada item instiga a construção de um roteiro imaginário e de uma viagem literária.

É justamente essa visão que deve levar à reflexão sobre o que se aprende durante a vida e a escola, com um olhar minucioso, sobre ler e ouvir histórias. Todas as pessoas devem se lembrar com carinho de histórias ouvidas e contadas pelos pais, tios, avós ou professores. Esse ato de ler/contar fazia de qualquer momento triste o mais rico, cheio de emoções e de muitas gargalhadas, uma vez que, naquele momento de troca, era a melhor sensação que se poderia ter.

O que se observa, por essa perspectiva, é que a busca necessária pela importância da leitura de literatura infantil não traz somente emoções, permitindo um conhecimento de mundo incansável que envolve verdade, escrita e muita informação, afinal ela não é somente um passatempo, mas também uma forma de se buscar e obter conhecimentos. Por isso, “Entendemos que a leitura [e a leitura literária] pode ser trabalhada de

forma que busque trazer reflexões do sujeito frente ao mundo, visto, principalmente, a gama de informações que recebemos.” (SILVA; DERING, 2020, p. 80).

Indaga-se, assim, a necessidade da literatura: por que não adquirir esses conhecimentos por meio da prática de contar histórias? Observa-se, por meio desse questionamento, a importância da literatura na formação de leitores:

Tendo em vista que a leitura é o caminho para uma interpretação mais ampla do mundo, uma das alternativas que podemos usar, contribuindo com a reflexividade dos alunos, é a busca de uma leitura que busque a criticidade, uma vez que esse tipo de leitura permite maior potencialidade nas formas de aprendizagem. (SILVA; DERING, 2020, p. 81).

A leitura literária e o contar/ouvir histórias se torna fundamental, visto que ela permite aos indivíduos se conhecerem e ser críticos. E, por assim ser, refletir sobre tal posicionamento possibilita dizer que “outro ponto crucial a ser compreendido nesse contexto de leitura é a compreensão de que não se nasce leitor, mas que se torna leitor a partir das experiências que se vivencia enquanto tal.” (SILVA, 2015, p. 236). Nesta perspectiva, é possível compreender o sujeito como aquele que busca conhecimento e têm questionamentos não somente sobre as questões externas, sociais, mas também internas, a respeito de si.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Na busca pelo papel social da infância, e na visão historiográfica da literatura, nasce a contação de histórias. Sabe-se que essa arte é a atividade mais antiga desde o surgimento do homem, mas, na cultura real, tal atividade é pouco falada e tão pouco realizada. “Contar histórias e declamar versos constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita.” (MATEUS et al, 2013, p. 57). Portanto, é preciso compreender que:

a contação de histórias é uma prática essencial para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, que desde pequena sente a necessidade de vivenciar seus sonhos, suas fantasias e seus encantos por meio da arte. (FARIA et al, 2017, p. 31).

Na busca incessante pelas contribuições da contação de histórias, se destaca o desenvolvimento infantil, contextualizando as diferentes áreas do conhecimento: o ler, o contar e o escrever que se desenvolve como a base primitiva do desenvolvimento escolar, além de envolver o social e o afetivo e desenvolver características de um sujeito crítico.

Inúmeras são as possibilidades que o uso da contação de histórias em sala de aula propicia. Além de as histórias divertirem, elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade. (MATEUS et al, 2013, p. 57)

O ato de contar histórias deve ser pensado como uma ação planejada e com objetivos específicos, sua atuação está ligada com a formação de indivíduos principalmente quando se fala sobre escolarização, bem como quando tal prática está situada no processo de ensino e de aprendizagem, imbricado à escola. Observado isso é

que se torna importante compreender que “a arte de contar histórias no meio educativo não tem fins somente de recreação, é uma atividade rica, valiosa e produtiva que, quando bem utilizada, contribui para aprendizagens múltiplas.” (FARIA et al, 2017, p. 36). E, por ser produtiva, ela também promove aprendizados múltiplos:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4 apud MATEUS et al, 2013, p. 56).

Por essa razão, a prática de contar histórias exige uma postura ativa do contador, possibilitando uma maior interação com a história proposta. Por isso, pode-se dizer que o contador de histórias: “é uma pessoa comum que traz sua experiência de vida transformando-a em uma arte performática” (FARIA et al, 2017, p. 37). Neste sentido:

Contar e encantar não são tarefa simples, exige habilidade, técnica e disposição para oferecer o melhor do contador de histórias, existem também pessoas que possuem o dom (talento nato), para as quais o esforço para fascinar e prender a atenção do público é menor do que para aqueles que necessitam de capacitação para alcançar o mesmo patamar. (FARIA et al, 2017, p. 37).

E por assim ser, o contador deve entender que: “as histórias despertam no ouvinte a imaginação, a emoção e o fascínio da escrita e da leitura. Afinal, contar histórias é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar... pela história... pela leitura.” (MATEUS et al, 2013, p. 58). Dito isso, observa-se que:

Na interação com as histórias a criança desperta emoções como se a vivenciasse, estes sentimentos permitem que esta pela imaginação exercite a capacidade de resolução de problemas que enfrenta no seu dia a dia, além disso, esta interação estimula o desenho, a música, o pensar, o teatro, o brincar, o manuseio de livros, o escrever e a vontade de ouvir novamente (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 240).

Nesse contexto, percebe-se que as histórias podem trazer para as crianças momentos inigualáveis, sensações de emoções, tristeza e até mesmo raiva, visto que ela entra em um mundo encantado coberto de sentimentos e ensinamentos dos mais diversos.

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA A CRIANÇA

A interação da família com a leitura influencia de forma positiva o desenvolvimento da linguagem e do interesse da criança pela leitura. No seio familiar as crianças são influenciadas a gostar de ouvir histórias. Isso ocorre, uma vez que “A narrativa oral é mais dinâmica e visível, pois vincula o aqui e o agora, onde o contador e seu público se unificam ao compartilhar de um mesmo sentimento, isto é, o de “estar junto”.” (FARIA et al, 2017, p. 42).

Portanto, pode-se dizer que a criança sofre influência primeiramente em casa, continuando na escola por parte dos professores. Em sala de aula, a prática da contação de história é preparada para despertar nos alunos o prazer de ouvir histórias e o professor não deixa de ser um contador nesse processo:

para que o gosto seja semeado, é preciso que o leitor primeiro se reconheça em um texto que chegue de forma menos traumática ao seu campo de significação, ao seu universo simbólico, evitando grandes rupturas e choques de maior escala. (TARTAGLIA, 2017, p. 150)

Nesta perspectiva, ao se narrar uma história deve-se atentar para toda logística da contação de histórias. Contar histórias não se trata apenas de abrir um livro e iniciar a verbalização, isto é, “abrir o livro e ler”: “A arte de contar história no meio educativo não tem fins de recreação, é uma atividade rica e produtiva que, quando bem utilizada contribui para aprendizagens múltiplas.” (FARIA et al, 2017, p. 36).

Entretanto, existem várias etapas que antecede esse momento e o planejamento da leitura é um deles. Outro, é a escolha do que se irá ler, visto que não basta pegar um livro aleatório, mas, conhecer sobre ele. O espaço em sala de aula igualmente é um fator muito importante, portanto, é preciso que o contador conheça tudo o que o envolve. Além desses pontos, há a entonação da voz, o cuidado com os sinais de pontuação, a postura de quem irá contar, bem como a escolha dos recursos necessários para a contação. Nota-se que ler para uma criança é mergulhar em vários personagens, uma vez que a contação de histórias é considerada uma arte – e o professor se torna um ator desse momento.

Nesse sentido, “é importante, no entanto, compreender que não é possível medir o quanto a leitura pode nos impactar. Contudo, quando a leitura é usufruída, tem-se a *experienciação*, que gera potencialidades.” (SILVA; DERING, 2020, p. 78). Ao mesmo tempo, faz-se necessário dizer que essa leitura/esse contar acaba por transmitir todos os acontecimentos e efeitos da história, e isto faz com que se desperte na criança o encantamento pela história. Portanto, “A contação de história é fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção, em que o lúdico e o prazer são eixos condutores no estímulo à leitura e à formação de alunos leitores.” (MATEUS et al, 2013, p. 58).

A criança está ali, observando cada detalhe, processando informações e, claro, formulando perguntas:

Mesmo a criança ainda não sabendo ler, ela naturalmente é curiosa, questionadora e esperta, portanto, o contato diário com a escuta de histórias promove o gosto pela leitura, pelos livros e pela aprendizagem que vincula o divertimento, ludicidade e estímulo. (FARIA et al, 2017, p. 36).

A contação de história instiga a criança a perguntar fatos que não entendeu no decorrer da leitura, aprendendo o significado de palavras e contribuindo para o desenvolvimento do seu vocabulário. A leitura literária e a contação de histórias farão com que as crianças ampliem seu interesse pelo conhecimento. A criança envolvida nesse processo pode influenciar a família, amigos e todos que a envolvem, uma vez que, ao compartilhar o que aprender por meio da contação, ela promove diálogos. Além disso, a contação de história na educação infantil incentiva e motiva o gosto literário, pois também prepara a criança para novas leituras nas séries iniciais:

as histórias ampliam o contato com o livro para que os alunos possam expandir seu universo cultural e imaginário e, através de variadas situações, a contação de histórias pode: intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, provocar o riso, a perplexidade, o encantamento etc. Ou seja, ao se contar uma história, percorre-se um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo. (MATEUS et al, 2013, p. 58).

Desse modo, o papel do professor e das instituições de ensino na educação infantil é colaborar para o desenvolvimento das crianças, no sentido de torná-las leitores e escritores, despertando nelas o interesse e o gosto pelas práticas de leitura. A contação de história, enquanto uma forma de leitura/escuta literária, contribui de forma significativa para a formação do crescimento intelectual e crítico das crianças e, do mesmo modo, influencia na formação de potenciais leitores.

CONSIDERAÇÕES

Para se promover a fruição, professores e alunos devem saber a importância da leitura e literatura, principalmente nas séries iniciais. O professor, nesse sentido, é uma peça fundamental, uma vez que será o encorajador de tal prática e exerce sua influência na formação de novos leitores. O aluno que se depara com leituras diversas, por exemplo, tem um encontro consigo e com tudo que a leitura proporciona, passando, assim, por uma mistura de experiências. Logo, pode-se compreender como uma verdade a metáfora que afirma que a leitura dá asas, pois ela permite ao indivíduo voar em direção ao conhecimento.

A importância da leitura literária na escola, dentro da ideia de formar leitores e contar histórias, por assim ser, é propor essa arte como forma de instigar a curiosidade e a busca por novos saberes. Se a leitura dá asas, a leitura literária abre as janelas e permite diversos voos. Assim, ao ler, o aluno interage com oportunidades que só a leitura proporciona.

A leitura literária, nessa perspectiva, é um divisor de águas na questão social dos alunos, principalmente para aqueles que não têm o hábito ou a prática de leitura, independentemente das razões. Por isso, a escola, como uma instituição de ensino, não pode falhar ou negligenciar a importância da leitura e da contação de histórias em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 4ª ed., São Paulo: Scipione, 1997.

BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. **Educare et educare revista de educação**. São Paulo, vol. 06, nº12, p. 235-249, jul./dez. 2011.

DERING, Renato de Oliveira; MARTINS, Pauliany Carla; SILVA, Leandro Alves da. "A formação do sujeito-leitor pela experiencição do ato de ler: breves considerações". // Schütz, Jenerton Alan et al (org.). **Pesquisas e escritas em educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

FARIA, Inglide Graciele de, *et al.* A influência da contação de histórias na educação infantil. **Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 1, p. 30-48, jan./dez. 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1990.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. Col. Primeiro Passos. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca, *et al.* A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte - MG, v.5, n.1, p. 54-69, 2013.

SILVA, Eduardo Dias da. Eu gosto do gosto de gostar de ler: a leitura como gênero discursivo na escola. **e-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v.6, n. 1, janeiro-abril, 2015.

SILVA, Gustavo Ribeiro da; DERING, Renato de Oliveira. Breves reflexões sobre a importância da leitura para a formação de um sujeito crítico. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas-TO, vol. 7, n.1, , p. 75-81, 2020.

TARTAGLIA, Lucca de R. N.; As idades do leitor. **Revista Forproll**. Diamantina, v. 01, n. 01, p. 148-160, jan./jun., 2017.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

Recebido: 30 de novembro de 2020

Aceito: 25 de janeiro de 2021